

## ÍNDICE

<i>Prefácio à Edição Portuguesa</i> .....	11
<i>Prólogo</i> .....	29
Introdução: Compreender o Fascismo e o Populismo em Termos de Passado .....	39
1 O que é o Fascismo na História? .....	65
2 O que é Populismo na História? .....	123
3 O Populismo entre a Democracia e a Ditadura .....	187
<i>Epílogo: O Regresso do Populismo</i> .....	247
<i>Agradecimentos</i> .....	255
<i>Notas</i> .....	259
<i>Índice Remissivo</i> .....	317

## PREFÁCIO À EDIÇÃO PORTUGUESA

Estamos a viver uma nova era de populismo. O populismo é hoje mais xenófobo, intolerante e autoritário do que todos os anteriores populismos na história. É também mais bem-sucedido, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos. Mas até que ponto isso é verdadeiramente novo? É verdade que temos hoje mais populistas extremistas no poder em muitos países do cada vez mais liberal hemisfério norte, mas isso só acontece depois de muitas décadas de regimes populistas no Sul.

Embora seja verdade que novos governos populistas surgiram depois da chegada espetacular de Donald Trump ao poder em 2016, o trumpismo continua a ser um capítulo recente e invulgar de uma longa história. De que modo e por que razão podemos explicar historicamente o que é ou não é novo no tempo presente constitui o tema principal deste livro. Atualmente, estamos a assistir não só a uma nova série de populismos mas também a uma expansão enorme de estudos do populismo. Há uma explosão de novos livros sobre o assunto. Este fenómeno deve muito ao facto de o populismo se ter tornado um tópico «na moda», levando subitamente muitos estudiosos das ciências sociais a prestar-lhe atenção. Muitos destes novos especialistas aderem à ideia populista de que o que está a acontecer no mundo é um evento político completamente novo. Tanto o objeto de estudo como os seus novos

intérpretes transmitem a impressão de que não existem histórias anteriores. Ao mesmo tempo, afirmam que os seus casos são únicos e que os desafios que enfrentam são completamente novos. O resultado peculiar desta amálgama de perspectivas únicas de novos intervenientes e especialistas é uma série de livros sem história. Livros que falam do populismo como se de nada importante tivesse sido escrito anteriormente sobre o assunto.<sup>1</sup> Este não é um desses livros. O meu livro representa um diálogo com décadas de pesquisas sobre o fascismo e o populismo. As ideias e os intérpretes do fascismo e do populismo são abordados, criticados e explicados nas suas páginas. Há muitos estudiosos e eu sou apenas um membro desse grupo de «veteranos» de estudos populistas e fascistas que têm lidado com esses assuntos muito antes da atual «semana da moda» de obras sobre o populismo e o fascismo. No meu caso, passei os últimos vinte anos a estudar o fascismo e o populismo. Não foi porque o tópico se tornou mais interessante mundialmente ou uma preocupação para o Norte do mundo que me tornei um investigador do fascismo e do populismo. Por outras palavras, não foi por causa do trumpismo que decidi escrever este livro.

Tenho estudado esses fenómenos do ponto de vista do hemisfério sul, sobretudo no que diz respeito às correlações históricas entre o fascismo e o populismo. No entanto, não é só no Sul que a democracia tem sido frequentemente ameaçada na história. A democracia já morreu e renasceu muitas vezes, e não só na América Latina, na África ou na Ásia. Como uma história mundial, a democracia passou por momentos de mudanças radicais, mas também de profundas continuidades com o passado. Esses processos de mudança e continuidade têm de ser mutuamente abordados quando refletimos sobre os vários caminhos contextuais do fascismo para o populismo numa escala verdadeiramente internacional.

Essas ligações transatlânticas e mundiais do autoritarismo não são um fenómeno de estudo recente. No entanto, quando saí da Argentina (onde nasci e fui criado) e fui para os Estados Unidos para fazer o meu doutoramento no início da primeira década deste século, havia uma ideia generalizada na academia americana segundo a qual essas coisas só podiam acontecer na América Latina, ou talvez na Europa do Sul (a Itália era geralmente a habitual culpada), mas não na Europa do Norte ou nos

EUA. Essa visão, mesmo na altura, era provavelmente já uma má leitura de um contexto mundial que sofria mudanças radicais. O novo populismo de direita que parece tão predominante no presente não surgiu do nada e tem uma longa história. Para muitos observadores, sobretudo na Europa e na América do Norte, a natureza extremista e escandalosa do trumpismo é algo que nunca viveram antes, mas, para os estudiosos do Sul, existem poucas coisas novas no trumpismo.

A minha própria trajetória levou-me a estudar as ligações transatlânticas entre os fascismos argentino e italiano. No final do meu livro *Transatlantic Fascism* (2010) já falava no peronismo como uma forma de pós-fascismo. Depois, no meu livro *The Ideological Origins of the Dirty War* (2014), havia um capítulo que abordava a questão do populismo e da ditadura na Argentina peronista.<sup>2</sup> Nos dois livros, analisei o que aconteceu ao fascismo depois de ter sido derrotado internacionalmente em 1945 e o modo e a razão por que um novo entendimento da política chegou ao poder no Sul. O facto de antigos fascistas terem criado um novo regime político é bastante significativo na história da política moderna. Da mesma forma que precisamos de estudar os atos de Hitler e Mussolini para saber e perceber que o fascismo não foi só uma questão de estética e de discurso mas também uma forma de governar uma nação, precisamos de estudar o populismo. Nos finais do século XIX e princípios do século XX, os populistas constituíram uma forma de oposição na América Latina, na Europa, nos Estados Unidos e noutros lugares. Mas foi só depois de 1945 que chegaram ao poder. E isso aconteceu primeiro no hemisfério sul, mais precisamente na América Latina. O estudo de regimes de poder é importante. Ao concentrarmo-nos nesses primeiros regimes populistas latino-americanos, podemos compreender melhor qual o significado desse tipo de política, não só quando está na oposição mas também quando governa.

O populismo é muito mais do que uma crítica popular das elites. É também uma ideia e uma prática de como a democracia devia funcionar. No poder, implementa a ideia de que o povo e a nação precisam de ser governados por um líder poderoso que fala e age em seu nome.

Os observadores que ignoram a história latino-americana apresentam o populismo como tendo surgido primeiro, por exemplo, na Europa nos anos 80 do século XX ou na América com o trumpismo. Mas essa é uma

visão míope. Temos de estudar o populismo globalmente e sem visões egocêntricas nacionais ou regionais. É por isso problemático ignorar o populismo latino-americano no poder e outras histórias do Sul, que geralmente antecedem acontecimentos e experiências europeias ou norte-americanas. Os que afirmam mas nunca explicam por que razão a América Latina não tem de ser incluída na história mundial do populismo invocam argumentos sem conhecimento pleno dos factos e sem vontade de os abordar. Além disso, essa atitude resulta muitas vezes da simples falta de curiosidade sobre o que aconteceu fora do seu mundo. Ao ignorarem a história fora da Europa e dos Estados Unidos, além de confiarem numa imagem dessas regiões como distintivamente modernas e democráticas comparativamente aos contextos supostamente atrasados da América Latina (ou África ou Ásia), esses observadores privilegiam o estereótipo em detrimento da pesquisa histórica global. Isso resulta do preconceito consciente ou irrefletido. O argumento sobre a diferença entre o Norte e o Sul é aceite como axiomático, sem uma avaliação histórica séria de semelhanças e diferenças. Os latino-americanistas, asianistas ou africanistas são geralmente instruídos em historiografias europeias e americanas, mas o contrário nem sempre acontece. Os europeístas e americanistas também podiam compreender melhor os seus centros se estudassem as suas margens. Como o descrevo neste livro, esse argumento nunca é justificado como tal e o Sul é simplesmente ignorado em muitos estudos recentes do populismo. Na realidade, porém, o trumpismo, o salvinismo, o orbanismo, o bolsonarismo e outros casos populistas recentes mostram como essas histórias estão ligadas.

Nas páginas seguintes deste prefácio para a edição portuguesa do meu livro, analisarei brevemente o populismo à luz do que aconteceu em menos de dois anos depois da publicação da primeira edição em 2017.

## I

Apenas alguns anos depois da ascensão do trumpismo ao poder, estaremos a viver uma nova época política que o próprio líder americano designou imodestamente «a era de Trump»? Devíamos explicar